

## **As redes sociais como uma possibilidade de espaço para a memorialização da pandemia de HIV/AIDS para a comunidade queer <sup>1</sup>**

João Vitor Klein<sup>2</sup>

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

### **RESUMO**

O presente texto busca expor uma breve discussão sobre a possibilidade das redes sociais se configurarem enquanto espaço de memorialização para grupos historicamente marginalizados. O intuito é, especificamente, pensar sobre o papel do luto e da lembrança de vítimas da pandemia de HIV/AIDS na constituição das identidades queer no presente. Nossa análise exploratória (Gil, 2008) corrobora a ideia de que diante da democratização de vozes, oportunizada com esse novo formato de comunicação, as redes sociais se tornaram espaços de difusão de micronarrativas vinculadas às identidades lgbtqia+.

**PALAVRAS-CHAVE:** Redes Sociais; Memória; HIV/AIDS; LGBTQIA+; Instagram.

A presente exposição busca empreender uma discussão breve e inicial sobre as (im)possibilidades das redes sociais digitais serem espaços de memorialização para grupos historicamente marginalizados. Nosso intuito é, especificamente, tensionar o papel mediador do ciberespaço no caso da rememoração da pandemia de HIV/AIDS para a comunidade lgbtqia+. Justamente por isso, trata-se de uma pesquisa exploratória (Gil, 2008) desenvolvida mediante técnicas de levantamento bibliográfico (Gil, 2008) e estudo de caso (Yin, 2001).

Partimos da constatação que a presença ubíqua das redes sociais digitais na vida de milhões de indivíduos tem afetado profundamente as relações interpessoais e o cotidiano experimentados por esses sujeitos (Dijck, 2013). Por isso, nos parece adequado afirmar que as redes sociais digitais se transformaram num importante espaço de socialidade (Maffesoli, 1998) na contemporaneidade justamente por permitirem a convivência instantânea e a transmissão pública de “[...] relações, interesses, intenções, gostos, desejos e afetos dos usuários registrados nessas plataformas, em processo de acesso e compartilhamento incessantes e velozes” (Santaella, 2013, p. 112).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 11SU - Memórias, Representações e Narrativas LGBTQIA+ na Comunicação, evento integrante da programação do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 13 a 15 de junho de 2024.

<sup>2</sup> Graduado em História (PUCRS) Mestrando em Comunicação Social pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social (PUCRS), E-mail: Joao.Klein@edu.pucrs.br

Destacamos ainda, que essas plataformas são: "[...] espaços utilizados para a expressão das redes sociais na Internet" (Recuero, 2009, p. 102), ou seja, lugares que alteraram experiências *previamente existentes* através da virtualização. Ainda sobre as transformações oportunizadas pelas redes sociais ressaltamos que, segundo McLean, “o espaço digital permite que vozes sejam ouvidas e vistas publicamente - vozes que podiam não estar presentes na esfera pública antes da existência dos sites de redes sociais” (2014, p.9, tradução minha).

Nos interessa insistir nesse último aspecto para a construção de nossa argumentação, pois é justamente a partir dessa democratização (que não está isenta de falhas e/ou críticas) ofertada pelas redes sociais, que temáticas antes com pouca difusão (por terem uma origem marginalizada) passam a ganhar uma atenção e propagação maior (ainda que segmentada). O caso da população lgbtqia+ é emblemático nesse sentido, já que “como as identidades lgbtia são consideradas identidades marginalizadas na sociedade, para alcançar um sentimento de pertencimento, os indivíduos lgbtia precisam edificar novos espaços para ser.” (McLean, 2014, p. 8, tradução minha).

Nesse sentido, as redes sociais digitais seriam um espaço oportuno para a experimentação e expressão dessas identidades marginalizadas de uma forma que o mundo offline não o é. Anonimato, falta de barreiras geográficas, construção autônoma da sua rede de vínculos entre outros fatores que caracterizam a ambiência digital seriam decisivos para que pessoas lgbtqia+ utilizassem esses espaços para construir e expressar suas identidades (Fox; Ralston, 2016). Cabe reforçar que as experimentação e expressão acima mencionadas não se limitam exclusivamente a produção ativa dessa identidade por meio de publicações, ela também se estrutura pelo consumo<sup>3</sup> de conteúdos nesse espaço virtualizado<sup>4</sup>.

Pois, diante de uma infinidade de conteúdos no ciberespaço, um tipo de narrativa ganha destaque se considerarmos a finalidade de construção da identidade. São os discursos relacionados ao passado desses grupos marginalizados que parecem se sobressair, já que “a narrativa histórica é um meio de constituição da identidade humana.”

---

<sup>3</sup> Não se trata aqui de entender o consumo enquanto uma ação passiva e sem engajamento dos sujeitos. A divisão serve apenas para diferenciar a construção do perfil através de publicações de outras formas de fabricação de uma identidade digital.

<sup>4</sup> “Enquanto todos os usuários podem potencialmente produzir e compartilhar conteúdo, há uma proporção relativamente pequena que opta por fazê-lo, pois a maioria dos usuários acessa a plataforma para consumir conteúdo.” (Craig; *et al*, 2021 p. 8 - tradução minha).

(Rüsen, 2001, p.66). Percebe-se que relação entre memória coletiva e identidade é inquestionável<sup>5</sup>, e justamente por isso precisa ser melhor compreendido o movimento exercido pelas redes sociais na mediação desses dois campos, uma vez que

A representação de grupo da sua história condiciona sua percepção do que esse grupo foi, é, pode e deveria ser, e é, portanto, central para a construção de sua identidade, normas e valores. Representações da história ajudam a definir a identidade social das pessoas, especialmente em como elas se relacionam com outras pessoas e com os problemas atuais. (Liu, Hilton, 2005, p.537, tradução minha)

No caso da trajetória do movimento das pessoas lgbtqia+, um dos eventos históricos mais marcantes foi a pandemia de HIV/AIDS. Trata-se de um acontecimento incontornável que, em função do seu caráter sensível e traumático e por ter afetado repentina e drasticamente a sociabilidade desse grupo, repercute no imaginário contemporâneo de indivíduos lgbtqia+, inclusive daqueles que não presenciaram esse evento social. Justamente por tamanha relevância, trata-se de uma memória que se destaca quando pensamos em pertencimento ao coletivo lgbtqia+.

Ademais, em função dos intensos efeitos do tempo sobre a pandemia de HIV/AIDS, hoje as características marcantes do vírus e da doença são bastante diferentes de quando no seu início<sup>6</sup>. Tal mudança pode ser um dos fatores que garantiu que, mesmo vivendo a mesma situação (já que a pandemia permanece), aquela experiência vivenciada nos anos 80, 90 e início dos anos 2000, ganhasse contornos de memória. Tanto foi assim, que no ano de 2017 foi criado um perfil no Instagram dedicado à memorialização das vítimas da pandemia de HIV/AIDS<sup>7</sup>. Composto de relatos e fotografias das vítimas enviados por familiares, amigos e conhecidos para a página, o memorial se tornou, em alguma medida, um lugar de exercício do luto e da celebração daquelas vidas precarizadas (Butler, 2019) que foram prematuramente perdidas por descaso estatal.

---

<sup>5</sup> “Podemos portanto dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.” (Pollak, 1992, p.204).

<sup>6</sup> “Historiadores e médicos abordaram como várias facetas da AIDS mudaram desde o seu início em 1981. Obviamente, as vítimas e os locais mudaram; esta doença apareceu pela primeira vez em homens gays e usuários de drogas intravenosas que viviam em áreas urbanas em países desenvolvidos e agora é uma epidemia global espalhada mais comumente através do contato heterossexual.” (Kazanjian, 2014, p. 351 - tradução minha).

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/theaidsmemorial/> Acesso em 05 abr 2024.

Nesse sentido, a partir da expansão do ambiente digital e da importância que ele assumiu para grupos historicamente marginalizados viverem suas identidades sem o estigma e violência do mundo offline, emergiu uma demanda por referências da história desses coletivos. A fim de suprir essa necessidade, micronarrativas do passado esquecidas ganharam espaço e atenção. Essa memória que emerge dos acervos pessoais e se comporta como uma liga que conecta e garante o pertencimento ao coletivo reclama espaço nessas plataformas, já que os lugares de memória (Nora, 1993) oficiais não se propõem a lembrar tais vidas e histórias<sup>8</sup>.

Essa investigação inicial, mesmo que longe de definitiva, já permite vislumbrar questões a serem, futuramente, exploradas. De todo modo, reafirmamos que “as mídias sociais/redes sociais não apenas favorecem a circulação, mas abrem espaço para a criação de ambientes de convivência instantânea entre as pessoas” (Santaella, 2013, p. 44). Dito isso, nos parece que, além de favorecer a difusão dessas memórias marginalizadas, tais práticas na ambiência digital acima mencionadas estão diretamente relacionadas à criação<sup>9</sup> do sentimento de pertencimento, servem para a convivência, para a celebração e (re)afirmação de nossas histórias e nossas identidades no presente.

## REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Vidas Precárias: os poderes do luto e da violência**. Belo Horizonte, Autêntica Editora. 2019.

Craig, S. L., Eaton, A. D., McInroy, L. B., Leung, V. W. Y., & Krishnan, S. **Can Social Media Participation Enhance LGBTQ+ Youth Well-Being?** Development of the Social Media Benefits Scale. 2021. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/2056305121988931>> Acesso em 15 abr 2024.

DI FELICE, M. **Redes sociais digitais, epistemologias reticulares e a crise do antropomorfismo social**. Revista USP, (92), 6-19. 2012. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/34877/37613>> Acesso em: 10 abr 2024.

---

<sup>8</sup> O que só foi possível no ciberespaço já que com a “[...] passagem de um modelo comunicativo baseado na separação identitária entre emissor e receptor e num fluxo comunicativo bidirecional para um modelo de circulação das informações em rede, [...] todos os atores desenvolvem simultaneamente a atividade midiática de emissão e de recepção.” (Di Felice, 2012, p. 13).

<sup>9</sup> “O papel da memória não é, ou não é apenas, epistemológico; isto é, nos fornece informações sobre o passado que precisamos para vivenciar no presente. Também é normativo; isto é, informa-nos das obrigações e responsabilidades que adquirimos no passado, e que devem informar o nosso comportamento no presente.” (Poole, 2008, p.152 - tradução minha).

DIJCK, José van. **The culture of connectivity: a critical history of social media.** Oxford University Press: New York, 2013.

FOX, Jesse; RALSTON, Rachel. **Queer identity online: Informal learning and teaching experiences of LGBTQ individuals on social media.** *In Computers in Human Behavior*, 2016. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S074756321630437X>> Acesso em: 05 abr 2024.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

KAZANJIAN, Powel. **The AIDS Pandemic in Historic Perspective.** *Journal of the History of Medicine and Allied Sciences* 69, 2014. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/24631705>> Acesso em 18 abr 2024.

LIU, J.H.; HILTON, D.J. **How the Past Weighs on the Present: Social Representations of History and Their Role in Identity Politics.** *British Journal of Social Psychology*, 44, 2005. Disponível em: <<https://doi.org/10.1348/014466605X27162>> Acesso em: 15 nov 2023.

MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das Tribos.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MCLEAN,, Nyx, **Considering the Internet as Enabling Queer Publics/ Counter Publics.** *In: spheres: Journal for Digital Cultures*, Jg. 1 (2014). Disponível em: <[https://spheres-journal.org/wp-content/uploads/spheres-1\\_McLean.pdf](https://spheres-journal.org/wp-content/uploads/spheres-1_McLean.pdf)> Acesso em: 15 abr 2024.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares.** *Projeto História*, São Paulo, n.10, 1993. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>> Acesso em: 05 abr 2024.

POOLE, Ross. **Memory, history and the claims of the past.** *Memory Studies*, 2008. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/epdf/10.1177/1750698007088383>> Acesso em: 10 nov 2023.

POLLAK, Michel. **Memória e Identidade Social.** *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, 1992. Disponível em: <<https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/1941/1080>> Acesso em: 05 abr 2024.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

RÜSEN, Jorn. **Razão Histórica teoria da história: os fundamentos da história.** Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação.** São Paulo: Paulus, 2013.

YIN, Robert. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** Trad. Daniel Grassi. 3ª ed., Porto Alegre: Bookman, 2001.